

**UMA TIJOLOTECA COMO FONTE DE PESQUISA: COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA CASA DO GRITO**

*THE RESEARCH OF A BRICK COLLECTION: CASA DO GRITO CASE STUDY*

Angélica Aparecida Moreira da Silva  
Paula Nishida Barbosa

Como citar este texto:

SILVA, Angélica Aparecida Moreira da, BARBOSA, Paula Nishida. *Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito*. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.

Recebido em: 14/05/2018

Aprovado em: 04/08/2018

Publicado em: 15/12/2019

ISSN 2316 8412



## Uma *Tijoloteca*\* como fonte de pesquisa: coleção arqueológica *Casa do Grito*

Angélica Aparecida Moreira da Silva <sup>a</sup>

Paula Nishida Barbosa <sup>b</sup>

**Resumen:** A Reserva Técnica do Centro de Arqueologia de São Paulo possui diversas coleções arqueológicas onde, entre os vários materiais que as compõem, chama a atenção a grande quantidade de tijolos. Por isso, o Centro de Arqueologia tem como uma de suas metas a organização de uma Tijoloteca. Esse artigo traz notícias sobre a execução de um projeto piloto para a Tijoloteca do CASP[1] que foi desenvolvido pela autora no âmbito de seu trabalho de conclusão do curso de especialização em Arqueologia. São os primeiros passos para organização dos tijolos e consequente disponibilização das informações unificadas. Espera-se que a Tijoloteca contribua para diversos estudos arqueológicos e que seja uma ferramenta para ações educativas que busquem promover a importância do patrimônio arqueológico urbano. Foram organizados 163 tijolos provenientes da escavação arqueológica ocorrida em 1981 no Sítio Histórico Casa do Grito, na cidade de São Paulo. Destes, 47 unidades foram selecionadas para compor a Coleção Referência onde a partir das informações contidas no tijolo buscou-se identificar as olarias, e com isso sua localização e períodos da atividade produtiva.

**Abstract:** The Stored Collection of the Archaeological Center of São Paulo encompasses several archaeological collections and, of the various materials that compose them, a large number of bricks has drawn our attention. Therefore, the Center of Archeology has made of one of its goals the organization of these bricks into a “Brick Collection” or Tijoloteca. The aim of this article is to bring news about the execution of a pilot project for the CASP’s Tijoloteca, which project was developed by the author as a final course assignment for her Specialization Course in Archeology. Organizing the bricks is the first step of the project, followed by making the information about them consolidated and available. It is expected that the Tijoloteca contributes to several archaeological studies and that it turns into a tool for educational actions that seek to promote the importance of the urban archaeological heritage. 163 bricks were organized from the archaeological excavation realized in 1981 at the Casa do Grito Historic Site, in the city of São Paulo. Of these, 47 units were selected to compose the Reference Collection. Based on the information contained on the bricks, it was possible to identify the brickyards, and thus their location and period of activity.

**Palavras Clave:**

Tijolo, Olarias, Arqueologia Urbana, Casa do Grito, Sítio histórico

**Keywords:**

Bricks, Brickyards, Urban Archaeology, Casa do Grito, Historic Site

\* Tijoloteca – Coleção de tijolos. Como as demais palavras com o sufixo nominal ‘teca’ - biblioteca, hemeroteca, discoteca, etc.; exprimem a ideia de caixa, depósito, coleção. Vem do Grego ΤÉΚΗ, “depósito, lugar de guarda”, do verbo ΤÍΘΗΝΑΙ, “colocar”. Fonte: Origem da Palavra – site de Etimologia. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/teca/> acesso: março/2018.

**a** Pós-graduanda em Arqueologia, História e Sociedade da Universidade de Santo Amaro (UNISA), Brasil. E-mail: [angelicacaetano@gmail.com](mailto:angelicacaetano@gmail.com)

**b** Professora orientadora: Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil.

Professora da disciplina Arqueologia Urbana no curso de especialização em arqueologia da Universidade de Santo Amaro (UNISA), Brasil. E-mail: [paulamiw@gmail.com](mailto:paulamiw@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Esse artigo busca apresentar os primeiros passos rumo à criação de uma Tijoloteca a partir da catalogação da coleção de tijolos do CASP - *Centro de Arqueologia de São Paulo* do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Entre os meses de outubro e dezembro de 2017 foi realizada a organização da coleção de tijolos do Sítio Histórico *Casa do Grito*, por onde se iniciou as atividades em caráter de ‘projeto piloto’ para posteriormente organizar as demais coleções de tijolos existentes no CASP. O objetivo foi disponibilizar informações sobre os tijolos encontrados em escavações da cidade de São Paulo, sendo ferramenta útil para estudos em arqueologia histórica urbana. Com base nos dados pesquisados será possível inferir marcadores temporais para o sítio estudado, rotas de circulação dos produtos, sua utilização em obras de vários portes, identificação de terrenos que serviram para retirada de argila, entre outros. Além disso, pretende-se disponibilizar a Tijoloteca em formato digital possibilitando a fácil visualização dos dados das diversas olarias, e, com isso, auxiliar a pesquisa arqueológica de outros sítios tanto dentro da cidade de São Paulo, quanto dos seus arredores.

### POR QUE ORGANIZAR UMA TIJOLOTECA E SEU CATÁLOGO

Para o entendimento do porquê organizar uma Tijoloteca, e por conseguinte, o catálogo de tijolos, inédito entre nós até o momento, cabe informar a princípio que além da presença de grande número de tijolos nas mais de 60 coleções existentes no CASP, a recorrência de tijolos nas escavações arqueológicas na cidade de São Paulo é uma realidade. Posto que se trata de um elemento construtivo que passa a ser adotado de forma intensa, como material portante utilizado na alvenaria estrutural a partir da segunda metade do século XIX. Estando vinculado, portanto, à própria transformação das práticas construtivas e modos de viver na cidade, permeando o processo de urbanização e desenvolvimento rápido da metrópole paulistana ocorrida nesse período.

Partindo dessa assertiva, a proposta para um projeto piloto foi apresentada à gestão do CASP que manifestou interesse em organizar as coleções de tijolos existentes no acervo. A Tijoloteca é entendida pelo CASP como fonte de referência para os estudos arqueológicos. O interesse em sua organização está presente nos registros da Secretaria Municipal de Cultura pelo menos desde janeiro de 2015, citado no escopo das atividades previstas para aquele ano<sup>1</sup>. Assim, o projeto piloto que é o primeiro passo nesse sentido, alinha-se com os objetivos do CASP.

### ABORDAGEM TEÓRICA

Baseando-se nos referenciais teóricos da Arqueologia Histórica, ‘*toda informação sobre artefatos de período histórico pode auxiliar na datação de sítios e estruturas de maneira única*’ (ORSER, 1992). O uso de catálogos, elementos datáveis como emblemas, marcas de fábrica, manuais técnicos-descritivos de produção fabris, livros sobre modificações tecnológicas são subsídios essenciais para o entendimento espaço-temporal dos processos diversos, abrangentes ou específicos desencadeados no Brasil a partir do século XVI com a ocupação portuguesa. Permite, ainda, através da cultura material, trazer notícias dos modos de vida e do cotidiano das pessoas comuns que na maioria das vezes, não são visíveis nos registros escritos

---

<sup>1</sup> Notícia veiculada no Portal da Prefeitura de São Paulo, datada de 20/02/2011: Item 3.13 Centro de Arqueologia de São Paulo – Coordenação ou Participação: Elaboração do projeto da ‘tijoloteca’ - Levantamento e quantificação do acervo de tijolos. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17297> acesso em 11/03/2018.

e na documentação oficial (FUNARI, 1996, p. 166).

Este trabalho caminha também pelas veredas de duas subáreas da Arqueologia Histórica: A Arqueologia Urbana e a Arqueologia da Industrialização. A reflexão para a elaboração da proposta da Tijoloteca foi engendrada tendo-se como orientador a Arqueologia Urbana no que diz respeito à percepção da cidade como uma entidade, um sistema dinâmico único, para que a cidade não seja apenas uma grande coleção de sítios discretos (JULIANI, 1996, p. 4-6). Por isso, a preocupação com a organização da informação unificada que possa ser subsídio para contextualizar sítios na lógica da cidade, capazes de auxiliar no entendimento da trama urbana, que evidencie a construção e (des) construção do espaço da cidade, as transformações nos modos de vida e relações cotidianas, seus múltiplos e sobrepostos tempos, donde ficam sinais, por vezes dispersos, de um tempo não tão recuado, porém cujas marcas foram e são, suprimidas muito rapidamente da paisagem.

Quanto a Arqueologia da Industrialização (THIESEN, 2007), no caso da cidade de São Paulo no século XIX, as práticas construtivas da cultura local como a taipa e o pau a pique foram substituídas gradativamente pela alvenaria de tijolos (D'ALAMBERT, 1993). Tendo em vista o processo industrial já consolidado na Europa, remessas de tijolos ditos de 'qualidade superior' eram importados para o Brasil abastecendo a capital e cidades do interior paulista. O próximo passo foi a importação de maquinários à vapor para produção de tijolos na cidade e seus arredores (SALLA, 2014, p. 141). O uso dado às várzeas mudou. A paisagem se transformou significativamente. As dimensões dos tijolos foram readequadas. São exemplos de ocorrências observáveis através da cultura material e que se conectam devido ao processo inicial da industrialização no Brasil tributário do avanço do capitalismo industrial daquele período. É um referencial a ser considerado em estudos arqueológicos na cidade de São Paulo. Como os espaços fabris e seus produtos impactaram o modo de vida das pessoas, seus saberes e seus lugares?

## **O TIJOLO**

O uso da argila pelos grupos humanos como material construtivo, seja adobe ou taipas (barro cru) ou tijolo (barro cozido) é de longa data. Sobre o barro cozido, ou seja, os tijolos, a construção mais antiga executada com esse material que se tem notícia data de 2.100 a. C. - o Grande Zigurate de Ur - na Suméria (atualmente região do Iraque e Síria).

O artefato tijolo encerra saberes e técnicas tradicionais no seu fabrico, desde a escolha da argila, preparo da pasta, moldagem, até sua queima e resfriamento das peças.

Presente como material construtivo desde o século XVI no Brasil, durante os séculos seguintes seu uso permanecia em grande parte restrito a pisos, abóbadas e preenchimentos, havendo raras edificações construídas com esse material, como algumas obras religiosas e militares (igrejas e fortes). (D'ALAMBERT, 1993)

Por volta de 1860, o tijolo popularizou-se no estado de São Paulo, sendo adotado na construção integral de edificações, inicialmente em algumas cidades do interior paulista, contempladas pela riqueza advinda do café; e posteriormente na capital do Estado. (SALLA, 2014, p. 85). A partir de 1870, a cidade começou a sofrer o impacto da adoção regular da alvenaria de tijolos em suas edificações, passando por grandes transformações em sua estrutura e fisionomia impulsionada pelas novas atividades econômicas incentivadas pela expansão da cultura cafeeira, pelo aumento contínuo da população com a chegada de grande contingente de imigrantes e a implantação da ferrovia - surtindo um rápido processo de urbanização.

O capital excedente gerado pela produção cafeeira em São Paulo teve múltiplas destinações: na importação de bens, equipamentos e máquinas agrícolas, na construção civil, na indústria,

na infraestrutura urbana, nos meios de transporte (ferrovias e bondes), na expansão de setores de comércio e serviços. (D'ALAMBERT, 1993)

Diante disso, o poder público, buscava o ordenamento da cidade e seus habitantes, perpassando por questões de ordem sanitária, de uso dos espaços, de regulamentação de técnicas e materiais construtivos, entre outras ações nesse sentido.

### **O TIJOLO COMO ARTEFATO ARQUEOLÓGICO**

'Patinho feio' das cerâmicas na arqueologia histórica, o tijolo diferencia-se na arqueologia das demais congêneres pela sua função como material construtivo. É talvez só não mais desprezado que os artefatos em plástico - os polímeros, que apesar de serem 'arroz de festa' identificados por toda a cidade durante escavações, ainda carecem de estudos que possam revelar informações preciosas para o entendimento dos processos industriais, suas balizas temporais, circulação na cidade de objetos pioneiros produzidos nesse material, maquinários, componentes químicos, entre outros.

O tijolo tem sido objeto de estudos preferencialmente dos arquitetos desde a década de 1990. A adoção do tijolo como material construtivo em meados do século XIX na cidade de São Paulo foi tratada em 1993 por Clara D'Alambert em sua dissertação de mestrado em Arquitetura, orientada pelo também arquiteto, o Prof.º Dr.º Carlos A. Cerqueira Lemos e é uma referência para os estudos nesse sentido.

Entre essas pesquisas destaca-se aqui o trabalho do arquiteto e arqueólogo Hildo Henry Maesima que desenvolveu em 1997 pesquisa de mestrado em arqueologia sobre o Sítio Bairro da Fundação em São Caetano do Sul orientado pela Prof.ª Dr.ª Margarida Davina Andreatta. Única dissertação encontrada até o momento que analisou o tijolo como artefato arqueológico, dedicando-se à identificação das olarias a partir de suas marcas para entender o contexto de ocupação do sítio arqueológico pesquisado.

Sobre as marcas nos tijolos esse pesquisador cita uma possível explicação:

Na segunda metade do III milênio, no período proto-dinástico [Mesopotâmico], o tijolo adota uma forma característica, plano-convexa, apresentando um ligeiro abaulamento num dos lados e está habitualmente marcado com o selo do rei construtor. A partir daí, os tijolos passaram a ser importantes registros históricos, principalmente para a arqueologia, que pôde, através destes materiais, confirmar, rever e construir fragmentos [...] da história de um grupo. (MAESIMA, 1997, p. 22)

Outro trabalho que faz referência ao artefato tijolo como fonte de informação para os estudos em arqueologia urbana e da industrialização é o artigo de Rafael de Abreu e Souza sobre as pesquisas arqueológicas ocorridas na Água Branca em um terreno onde havia funcionado na década de 1940 a fábrica de margarina de propriedade das Indústrias Matarazzo:

Em especial a construção de uma enorme "tijoloteca" permitiu associar diferentes etapas da construção a cronologias aproximadas. Vale ressaltar que a coleta e a listagem de tijolos, com suas diferentes marcas, vêm colaborando para compreensão dos momentos de construção, assim como das próprias olarias que abundaram em São Paulo (e tiveram

crescimento exponencial com a arquitetura de fábrica de tijolos aparentes), dado que marcas encontradas em contextos datados permitem a inferência de cronologias relativas. (SOUZA, 2013, p. 159)

Mais recente, porém não menos importante, é a dissertação defendida em 2014 pela historiadora Natália Maria Salla, que estudou o processo de adoção e regulamentação do tijolo para as construções paulistanas na Primeira República a partir das medidas tomadas pela administração pública municipal e os estudos técnicos realizados pela Escola Politécnica de Engenharia para padronização e controle de qualidade da produção de tijolos no Estado de São Paulo. A autora trabalha com uma documentação primária para entender a regulamentação que determinava por exemplo, as práticas construtivas e as dimensões dos tijolos para a cidade de São Paulo. Na documentação do *'Gabinete de Resistência de Materiais'* da Escola Politécnica de São Paulo<sup>2</sup>, as análises físico-químicas e demais testes de resistência aplicados aos tijolos para inferir qualidade ao produto podem trazer notícias sobre a composição das pastas, das argilas, antiplásticos, etc. Podendo ainda obter a partir desses registros dados sobre cor, dureza, porosidade, tipos de queima e demais atributos de algumas marcas formando um *corpus* documental de interesse para pesquisas comparativas no tocante as descrições das peças da Tijoloteca.

Os dois autores, MAESIMA (1997) e SALLA (2014), ainda que por motivos diferentes, elaboraram como parte de suas dissertações listas de olarias. O primeiro autor apresentou o *Cadastro das Olarias de São Caetano do Sul* por marcas inscritas com período de atividade produtiva entre 1730-1924 e a *Relação das Olarias por marcas inscritas da Grande São Paulo* com períodos de atividade entre 1575-1932. Já a autora elaborou seis listas de olarias identificadas na Capital, com os seguintes períodos de atividade: 1870-1880; 1889-1900; 1890-1896; 1903; 1918-1930; 1935.

Vale ressaltar aqui o potencial informativo da cultura material, onde as marcas dos tijolos em grande parte referem-se às iniciais dos nomes dos proprietários das olarias, mas também há tijolos que reproduzem símbolos diversos que podem representar uma agremiação, um grupo religioso ou ainda uma ideologia. Em 2011 na Unicamp, foi defendida uma tese de doutorado em História da Educação que teve início a partir de um tijolo. O autor da tese, o historiador Sidney Aguilar Filho, durante sua aula sobre o nazismo alemão para o ensino médio, informa que uma aluna mencionou haver tijolos com a suástica na fazenda de sua família. A partir disso, AGUILAR (2014) inicia a pesquisa que resultou na tese e posterior documentário *'Menino 23 infâncias perdidas no Brasil'*, revelando que empresários ligados ao pensamento eugenista (integralistas e nazistas) removeram 50 meninos órfãos do Rio de Janeiro para Campina do Monte Alegre, no Estado de São Paulo, para dez anos de escravidão e isolamento na Fazenda Santa Albertina de Osvaldo Rocha Miranda.<sup>3</sup>

## **O SÍTIO (ARQUEOLÓGICO) HISTÓRICO CASA DO GRITO**

O projeto piloto para a Tijoloteca foi iniciado com a organização dos tijolos provenientes da escavação arqueológica ocorrida entre 11 de agosto a 06 de outubro de 1981 na Casa do Grito<sup>4</sup>. Essa edificação foi denominada 'Casa do Grito' devido a uma casinha representada na tela 'Independência ou Morte' de Pedro Américo, pintada em 1888 em Florença (Itália), 66

<sup>2</sup> Gabinete de Resistência de Materiais da Escola Politécnica de São Paulo, de 1899 a 1925. E Laboratório de Ensaio de Materiais a partir de 1926. Os testes e demais pesquisas com os tijolos eram feitos pelos engenheiros do Curso de Engenharia da Escola Politécnica de São Paulo, incorporada em 1934 à Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Documentário "Menino 23 Infâncias perdidas no Brasil". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eaZwW1wUE9o>

<sup>4</sup> A Casa do Grito junto com o Museu Paulista, Parque e Monumento da Independência formam o Conjunto do Ipiranga tombado nas três esferas do poder público: IPHAN, CONDEPHAAT e CONPRESF.

anos depois da Independência do Brasil. No entanto, a documentação mais recuada encontrada sobre esse imóvel, indica que a edificação é de meados do século XIX, mais exatamente 1844.<sup>5</sup> As escavações arqueológicas realizadas revelaram uma edificação de pau a pique, um dos últimos exemplares desse tipo de construção na cidade de São Paulo. Era, originalmente, residência e, ao mesmo tempo, pouso de viajantes (ARAÚJO, CAMPOS e JULIANI, 2006, p. 131-132) e venda, provavelmente de beira de estrada, junto ao chamado ‘Caminho do Mar’ (ANDREATTA, 1981).

## A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Os estudos de arqueologia histórica em São Paulo, tiveram início com o Programa de Arqueologia Histórica no município de São Paulo iniciado em 1979 com atividades desenvolvidas até 1992 a partir de um contrato de colaboração estabelecido entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, onde a direção das pesquisas ficou à cargo da arqueóloga Prof.<sup>a</sup> Dra. Margarida Davina Andreatta. Esses estudos arqueológicos objetivavam subsidiar projetos de restauro das edificações consideradas de relevância histórica para a cidade. A Casa do Grito é uma das casas históricas contempladas por esses estudos, tendo sido também alvo desse programa de pesquisa a Casa do Tatuapé, o Sítio Mirim, o Sítio Morrinhos, a Casa do Itaim Bibi, o Solar da Marquesa, a Casa nº 1 e o Beco do Pinto.



Figura 1: Parede de pau a pique da Casa do Grito. Foto: Wilson Weigl. Relatório de atividades arqueológicas na Casa do Grito. Acervo CASP.



Figura 2: Parede de tijolos da Casa do Grito. Foto: Wilson Weigl. Relatório de atividades arqueológicas na Casa do Grito. Acervo CASP.

Durante as escavações da Casa do Grito, ocorridas entre agosto e outubro de 1981, além de 207 tijolos<sup>6</sup>, foram identificados azulejo, argamassa, cerâmica, couro, louça, madeira, metal, mineral, moeda, osso, semente, tecido, telha, valvas de molusco, vidro e na categoria diversos (dentre eles 17 são ‘plásticos’ e 4 são ‘borrachas’). Ou seja, 21 polímeros, entre eles fragmentos de botões, brinquedos e pentes de cabelo, reforçando a afirmação já apresentada sobre os polímeros, ainda pouco estudados pela arqueologia. Outros materiais na categoria ‘diversos’ são fragmentos de botões de roupa em metal, osso e madeira, vidro e carvão para análise. Grande parte dos plásticos saíram da camada entre 0-25 cm nomeada ‘entulho-nivelamento’. O carvão para análise foi identificado a 55 cm de profundidade.

<sup>5</sup> <http://www.museudacidade.sp.gov.br/casadogrito.php>

<sup>6</sup> No Relatório de arqueologia da Casa do Grito constam 207 tijolos, no entanto, são 116 fichas de tijolos preenchidas pela Seção de Laboratório de Restauro da Divisão de Preservação do Departamento de Patrimônio Histórico. Cada ficha equivale a mais de uma unidade de tijolos (íntegros ou fragmentados) da mesma marca retirados do mesmo local e camada – para os quais foram dados à época o mesmo número de registro.

Via de regra, vale ressaltar que os materiais arqueológicos resgatados nesse e demais sítios são passíveis de novos estudos para além da pesquisa que originou a coleção e que as instituições de guarda, como o CASP, reúnem coleções diversas que permitem outros estudos. Com isso podem trazer novas interpretações sobre seus sítios de origem mas também, essas coleções organizadas em catálogos descritivos, são referências para comparação com materiais extraídos de outros sítios arqueológicos da cidade, vislumbrando possibilidades de pesquisa e compreensão de processos urbanos, traçando possíveis rotas de distribuição, produção, circulação e uso desses materiais, ainda espacialização de práticas ou mesmo particularismos. O que não se restringe, evidentemente apenas aos tijolos, mas a todos os demais materiais identificados em escavações arqueológicas.

## **ORGANIZAÇÃO DA TIJOLOTECA**

Entre outubro e dezembro de 2017 foram realizadas as ações de tratamento do acervo para organização da Tijoloteca. O CASP disponibilizou a versão digitalizada da documentação gerada pelas escavações para nortear as atividades com a Coleção Casa do Grito. Ressalta-se ainda que foram selecionadas do conjunto 47 peças representativas para compor a Coleção Referência, cujo critério básico foi destacar um tijolo de cada marca existente na Coleção Casa do Grito.

A escolha por chamar o conjunto de tijolos retirados das escavações da Casa do Grito por Coleção e não Acervo foi devido à definição dada às duas palavras na terminologia arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Usa-se Acervo para referir-se a documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora. Já Coleção é definida como um conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente. O entendimento para esse trabalho foi de que *Acervo* se refere a totalidade dos documentos existentes na instituição de guarda (entidade custodiadora) no caso o CASP. Enquanto *Coleção* designa o conjunto de materiais arqueológicos (documentos) de cada sítio arqueológico existente no CASP.

Durante 7 dias realizou-se a curadoria do material no Centro de Arqueologia de São Paulo - CASP. As atividades realizadas foram:

✓ Reagrupamento inicial das coleções de diferentes sítios

Na Reserva Técnica do CASP há mais de 60 coleções arqueológicas provenientes de sítios arqueológicos escavados pela própria equipe de Arqueologia do Departamento de Patrimônio Histórico, bem como provenientes de escavações arqueológicas vinculadas ao licenciamento ambiental, onde o CASP é a instituição de guarda dos materiais identificados durante a escavação desses sítios. Para iniciar a organização da Tijoloteca foram reagrupados os tijolos existentes no depósito externo à edificação principal que abriga a Reserva Técnica do CASP<sup>7</sup>. Para tanto, o reagrupamento foi executado de acordo com o acrônimo marcado em cada peça que indicava o sítio arqueológico ao qual o material pertencia. Assim, foi possível identificar coleções de tijolos referente às escavações dos seguintes sítios: CT – Casa do Tatuapé; MO – Sítio Morrinhos; CM – Casa do Morumbi; CG – Casa do Grito; MI – Sítio Mirim; IB – Casa do Itaim Bibi; BP – Beco do Pinto; Chácara Lane; Vale do Anhangabaú; Praça Ramos de Azevedo e Matadouro da Vila Mariana. Algumas peças ficaram sem identificação provisoriamente por estarem sem os respectivos acrônimos. Após reagrupamento das coleções, elegeu-se a da Casa do Grito para o projeto piloto.

---

<sup>7</sup> Os trabalhos contaram com o auxílio de ajudantes gerais: 1ª etapa André Pereira; 2ª etapa Ewerton Araújo Bortoleto.

✓ Conferência das peças com as fichas do inventário de peças

O CASP possui a documentação gerada a partir das escavações realizadas na Casa do Grito e foi utilizada a versão digital das fichas do inventário de peças para fazer a conferência. Feita a conferência das fichas com as peças correspondentes, de 207 tijolos mencionados no Relatório de Atividades (ANDREATA, 1981) foram identificadas 163 peças. São 116 fichas para os 207 tijolos mencionados no Relatório, onde cada ficha faz menção a mais de uma unidade de fragmentos de tijolos da mesma marca (entendidos como fragmentos tanto as peças íntegras quanto as fraturadas) retirados do mesmo local e camada – para os quais foram dados à época o mesmo número de registro. Assim, foram identificados 163 tijolos relativos a 102 fichas. Outras 14 fichas ficaram sem a identificação dos tijolos correspondentes, que podem estar entre os tijolos sem acrônimo e que serão identificados e reagrupados quando da organização total do acervo.



Figura 3: Conferência: Tijolo e ficha de inventário da peça. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.



Figura 4: Higienização dos tijolos. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

✓ Higienização

A higienização foi feita à seco com trincha macia em todas as peças da coleção, tirando o pó de desgaste natural do tijolo sem retirar os restos de argamassa contidas em algumas peças, que podem ser também fonte de informação arqueológica.

✓ Revisão do estado de conservação

No momento da higienização foi feita revisão do estado de conservação das peças. De maneira geral, não foram observados elementos que ameacem a conservação das peças como por exemplo, manchas, mofo e pontos de umidade.

✓ Retoque da numeração nas peças

Na curadoria original feita pelo Laboratório de Restauro do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), o número de registro das peças, ou seja, o acrônimo acompanhado da numeração sequencial dos tijolos: “CG-01; CG-02; CG-03...” foi escrito nas peças tendo como preparo da superfície uma camada de solução incolor ou tipo de verniz, que pode ter sido esmalte

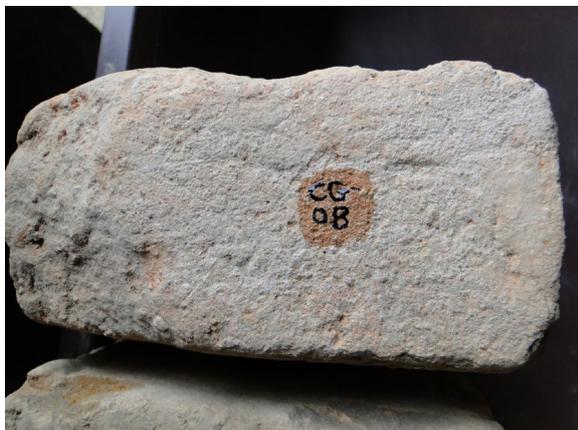


Figura 5: Detalhe do acrônimo + número de registro marcados na superfície lateral do tijolo. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.



Figura 6: Secagem da tinta nanquim. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

incolor. Contudo, não foi possível afirmar de que material se tratava, por não haver documentação referente a isso. A escrita foi realizada em tinta nanquim.

Na revisão do material, foi notado que algumas peças estavam com o número de registro esmaecido, craquelado ou ainda se descolando da peça. Optou-se por manter a mesma forma de numeração das peças adotada anteriormente, retocando ou refazendo a marcação na própria peça.

Como já dito anteriormente, para um mesmo número de registro há mais de um fragmento relacionado. A solução dada foi numerar e indicar na peça de qual exemplar se trata, por exemplo: CG-02, CG-02e.2, CG-02e.3; o número de registro vem acompanhado da letra ‘e’ (minúsculo) de ‘exemplar’ e o número indicando de qual exemplar se tratava.

✓ Aferição de peso e medidas

Nas fichas de inventário original não há peso e medidas dos tijolos. Durante a curadoria para o projeto piloto foram pesadas e medidas 47 peças selecionadas para a Coleção Referência.

✓ Atribuída cor pela classificação da Tabela Munsell

A atribuição de cor foi feita para a Coleção Referência a partir da Tabela Munsell.

✓ Acondicionamento e armazenamento dos tijolos conforme protocolo de curadoria e guarda do Centro de Arqueologia de São Paulo

Inicialmente os tijolos da coleção Casa do Grito estavam armazenados em caixas plásticas marrom de maior dimensão e foram trocadas por menores na cor branca. A proposição do CASP para a troca das caixas deve-se principalmente ao tamanho. As caixas anteriores, por serem maiores, embora comportem mais tijolos, não são práticas e são inadequadas do



**Figuras 7 e 8:** Acondicionamento dos tijolos. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

ponto de vista ergonômico, devido ao peso. As dimensões das novas caixas são 41,5 cm x 33 cm x 14,5 cm e comportam 5 tijolos em média, a depender do tamanho dos mesmos.

Para o acondicionamento dos tijolos nas caixas, para proteção das peças contra atrito foi utilizada manta de EPE – espuma de polietileno expandido de 2mm de espessura. Foram cortadas tiras de 1,40m x 0,30 cm e aplicadas entre as peças, no fundo da caixa e abas sobre os tijolos na superfície da caixa.



**Figura 9:** Tijolo, inscrição I D G, Coleção Casa do Grito. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

- ✓ Confecção de etiquetas provisórias: contendo ordenamento numérico crescente das caixas e sequência numérica individual das peças contidas em cada uma das caixas

As caixas foram assinaladas com etiquetas de caráter provisório para serem substituídas posteriormente pelas definitivas padronizadas pelo CASP.

- ✓ Registro fotográfico da ‘Coleção Referência,’ formada pelas peças representativas da coleção

As fotos foram feitas com e sem escala, tendo sido usado fundo preto para destaque das peças.

- ✓ Desenhos ilustrativos da Coleção Referência

Foram feitos desenhos ilustrativos dos tijolos para evidenciar com clareza a marca da olaria e os desgastes do relevo das inscrições e das demais partes, assim como fissuras, fraturas, incisões e demais intercorrências observáveis na superfície do tijolo. Os desenhos foram também uma escolha para complementar o registro fotográfico no tocante aos detalhes.

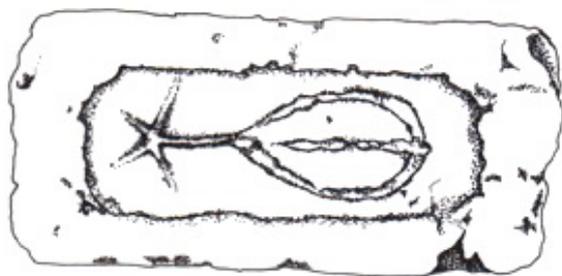


Figura 10: Tijolo, símbolo (?), Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.



Figura 11: Tijolo, Monograma I D G, Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.



Figura 12: Tijolo monograma GP, Olaria: *Giuseppe Pin*, São Caetano do Sul, séc. 19; ou *Gardini Pietro*, Estrada do Ipiranga, São Paulo, 1903. Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.

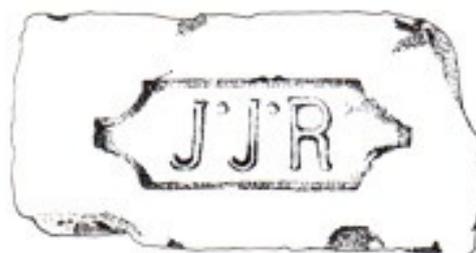


Figura 13: Tijolo, monograma J'J'R, Olaria: *José Joaquim Ribeiro*, Barra Funda, São Paulo, 1878, 1883, 1884 e 1885. Coleção Casa do Grito. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.

- ✓ Elaboração da planilha de Inventário das peças indicando categorias de descrição

Foi criada uma planilha em *Excel* e lançados os dados existentes nas fichas de Inventário de peças preenchidas em 1981 e acrescentados os dados gerados por esta pesquisa. Os campos descritivos para os tijolos são: município, sítio arqueológico, ano da pesquisa/escavação, nome do responsável pelo preenchimento da ficha, pesquisadora responsável, cadastro CNSA/IPHAN, fotografias, referência dos exemplares, número de fragmentos, número de registro, local (cômodos escavados), nível, coordenadas UTM, denominação, desenho ilustrativo, descrição, categoria, subcategoria, cor da peça,

*SILVA, Angélica Aparecida Moreira da; BARBOSA, Paula Nishida. Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito. In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.*

técnica de produção, queima, estudos petrográficos, marca/inscrição/monograma, fonte de identificação da marca/inscrição/monograma, nome da olaria, período de atividade da olaria, localização da olaria, integridade, estado de conservação, marca de uso, intervenções sofridas, recomendações de conservação, marca/inscrição/monograma/símbolo, comprimento, largura, espessura, peso, número da caixa, acervo, observações. Esse Inventário Descritivo dos Tijolos criado na planilha *Excel* foi encaminhado ao CASP.

✓ Confecção do catálogo para publicação impressa ou digital

O catálogo dos tijolos é composto por fichas com as seguintes categorias descritivas: sítio, município, ano de pesquisa, coordenadas UTM, número de registro, denominação, descrição, cor da peça, marca/inscrição/símbolo, nome da olaria, período de atividade da olaria, localização da olaria, comprimento, largura, espessura e peso. Também a indicação do Acervo ao qual pertence a Coleção e imagens (desenho e fotografia).<sup>8</sup>

✓ Coleção Referência: apresentação dos dados

Tendo dado início à pesquisa das marcas, inscrições e símbolos existentes nos tijolos, foi possível identificar 19 tijolos e suas marcas através das listas de olarias produzidas a partir de fontes primárias diversas por MAESIMA (1997) e SALLA (2014) no âmbito de suas pesquisas. Para as iniciais presentes em alguns tijolos, verificou-se que haviam mais de uma olaria representada pelas mesmas iniciais do monograma. É um exemplo disso o tijolo com inscrição ‘GP’ (apresentado na figura 12 acima) onde há mais de um nome de olaria (seguida de localização + data): *Giuseppe Pin, São Caetano do Sul, século 19 e Gardini Pietro, Estrada do Ipiranga, São Paulo, 1903*. Isso ocorre porque, as mesmas iniciais referem-se a olarias, cidades e datas distintas. Há outros tijolos da coleção onde ocorreu a mesma situação.

Entre os tijolos analisados, há ainda aqueles que possuem as mesmas iniciais no monograma, mas precedidos ou sucedidos por pontos ou ainda separados por eles ou por estrelas (ex. ‘PC’; ‘P.C’; ‘.PC.’). Seriam a mesma olaria? Seria uma forma de distingui-las visto ser as mesmas letras? Não sabemos por hora.

Para a continuidade da pesquisa em busca de identificar qual olaria afinal é a produtora do tijolo ‘GP’ e outros na mesma situação, será preciso analisar demais atributos da peça. Por exemplo, através do peso e medidas é possível acompanhar as modificações do tijolo e inferir uma datação relativa sabendo-se que os códigos municipais passaram a regulamentar sua produção padronizando suas dimensões. Refinando ainda mais a análise, as características físico-químicas da pasta do tijolo poderão indicar possíveis barreiros de onde a argila teria sido retirada. Uma verdadeira investigação de detetive. Porém, além dos atributos relativos à materialidade do tijolo, é preciso considerar demais variáveis do contexto de onde este artefato foi retirado. As sobreposições de pisos (o tijolo ‘GP’ foi retirado da 1ª tijoleira do cômodo 7 do Sítio Casa do Grito), paredes, alicerces e demais estruturas edificadas nas quais os tijolos foram componentes construtivos revelam indícios que podem balizar o período de sua produção. Isso auxilia na identificação da olaria que o fabricou entre outras com o mesmo monograma, mas que podem ser de períodos mais recentes, por exemplo. São conjecturas possíveis a partir da posição em que o tijolo foi encontrado, o nível de profundidade, a correlação com os demais materiais arqueológicos do Sítio, entre outras variáveis observadas para cada contexto arqueológico escavado. Tanto o tijolo serve de marcador cronológico para as estruturas identificadas nas escavações, quanto as estruturas podem ajudar a diferenciar e distinguir olarias a partir do conhecimento de seu período de atividade.

<sup>8</sup> O design e diagramação do catálogo foi feito pela arquiteta designer Maria Rosa Juliani.

Geralmente, as marcas dos tijolos são pensadas através dos monogramas que correspondem as iniciais dos nomes de seus fabricantes, ou seja, os donos das olarias. No entanto, há entre os tijolos analisados alguns que possuem símbolos no lugar das letras. E isso chamou a atenção. Como atribuir a fabricação desses tijolos à alguma olaria?

Tendo refletido sobre isso, embora não haja nesse momento evidências que corrobore para confirmar a hipótese formulada, poderá ser que os tijolos com símbolos, representem grupos organizados como grêmios, associações, irmandades, sociedades, ordens religiosas, filosóficas, etc. Funcionaria como uma espécie de carimbo personalizado deixando marcas, em certa medida indelévels, porque muito duradouras. Para decifrá-los, se faz necessário uma pesquisa em fontes primárias e bibliografia sobre símbolos e sua utilização em diferentes sociedades e períodos. A pesquisa de Sidney Aguilar Filho (2011), a partir de um tijolo com a suástica, é um exemplo da carga ideológica transmitida pelo símbolo. A suástica tinha um significado diferente antes de simbolizar o nazismo alemão. Ao pensar na suástica nos tijolos, coube pensar nos símbolos presentes nos tijolos da Casa do Grito e na transitoriedade de significados e esquecimento das ideias que eles poderiam denotar. Outro exemplo são os tijolos com símbolo bastante conhecido pelos arqueólogos que faz referência ao Cometa Halley, quando de sua passagem em 1910.<sup>9</sup>



Figura 14: Tijolo, referência ao Cometa Halley, 1910. Coleção Sítio Morrinhos. Acervo CASP. Foto. Angélica A. M. Da Silva, 2017.

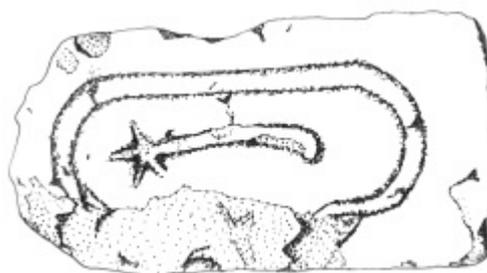


Figura 15: Tijolo, referência ao Cometa Halley, 1910. Coleção Sítio Morrinhos. Acervo CASP. Desenho ilustrativo: Carla V. Pequini, 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses primeiros passos da Tijoloteca foram executadas a curadoria e o acondicionamento de 163 tijolos, dos quais 47 foram selecionados para a Coleção Referência tendo sido fotografados e desenhados, além da aferição de peso e medidas. Até o momento foi possível identificar através das marcas (monogramas) 19 olarias localizadas em São Paulo e São Caetano do Sul com período de atividades entre 1877-1928. Ainda que sejam resultados parciais (dos 47 tijolos apenas 19 estão identificados); foi possível concluir que os 19 tijolos analisados por essa pesquisa são vindos de olarias de São Caetano do Sul, mas também de São Paulo, onde alguns bairros como Ipiranga, Barra Funda, Lapa, Tatuapé e Pinheiros foram identificados. Ou seja, as intervenções e reparos feitos nas estruturas da edificação do Sítio Histórico Casa do Grito, utilizaram, entre outros, tijolos vindos dessas localidades.

<sup>9</sup> O cometa Halley é um cometa grande e brilhante que orbita em torno do Sol, em média, a cada 76 anos, quer dizer, seu período orbital pode oscilar entre 74 e 79 anos. Trata-se de um dos mais conhecidos e brilhantes cometas (visível a olho nu) de periodicidade “curta” do cinturão de Kuiper. Foi observado pela última vez em 1986 nas proximidades da órbita terrestre, calcula-se que a próxima visita seja no ano de 2061, a anterior ocorreu em 1910. Fonte: Portal InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/astronomia/cometa-halley/>

Pretende-se aprofundar a pesquisa para identificação dos tijolos através dos monogramas neles inscritos indicando as olarias ou ainda, os símbolos e o que representavam, confirmando ou refutando a hipótese levantada sobre serem referências à grêmios, associações, irmandades ou ordens políticas, ideológicas e filosóficas. Em momento futuro, com a continuidade da pesquisa e a organização total da Tijoloteca, será possível inferir demais informações, consolidando e aprofundando os dados arqueológicos sobre o Sítio Histórico Casa do Grito.

Para os estudos arqueológicos sobre a cidade de São Paulo, o acesso às pesquisas realizadas sobre os tijolos é fundamental. A disponibilização e acesso ao repertório de informações produzidas em diversas pesquisas arqueológicas sobre a cidade permitem o diálogo e aprimoram a produção científica. Organizar a Tijoloteca é acreditar na importância de compartilhar informações arqueológicas.

## REFERÊNCIAS

- A LASCA ARQUEOLOGIA. Protocolo de curadoria do Laboratório de Arqueologia. São Paulo, 2014.
- ANDREATTA, Margarida Davina. *Relatório de Atividades Arqueológicas da Casa do Grito – Ipiranga*. Museu Paulista e DPH – Departamento do Patrimônio Histórico do município de São Paulo, 15/12/1981. Acervo do Centro de Arqueologia de São Paulo, 1981.
- AGÊNCIA FAPESP. Pauliceia 2.0: mapeamento colaborativo da história de São Paulo (1870-1940). Disponível em: [http://agencia.fapesp.br/pauliceia\\_20\\_mapeamento\\_colaborativo\\_da\\_historia\\_de\\_sao\\_paulo\\_18701940/25017/](http://agencia.fapesp.br/pauliceia_20_mapeamento_colaborativo_da_historia_de_sao_paulo_18701940/25017/). 2017. Acessado em: 12/02/2018.
- AGUILAR FILHO, Sidney. *Educação, autoritarismo e eugenia: Exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Área de concentração: Filosofia e História da Educação) Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2011.
- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; CAMPOS, Maryzilda Couto de; e JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso de Oliveira. O Departamento do Patrimônio Histórico e a Arqueologia no Município de São Paulo: 1979-2005. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 2006, v. 204:129-138.
- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Publicações Técnicas, 2005, p. 232.
- CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE SÃO PAULO. *Protocolo de curadoria do laboratório de conservação. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo* (Autor: Renato Manguiera, 2017).
- D'ALAMBERT, Clara Correia. *O tijolo nas construções paulistanas do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1993.
- DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. Museu da Cidade: Casa do Grito. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/casadogrito.php>. Acessado em 02/03/2018.
- FUNARI, Pedro Paulo. O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. *Revista de História*, São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2º semestre de 1996, v. 135: 163-168.
- JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso de Oliveira. *Gestão Arqueológica em metrópoles: uma proposta para São Paulo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.
- MAESIMA, Hildo Henry. *Tijolos do Sítio Bairro da Fundação, São Caetano do Sul/SP: Análise e Identificação*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 1997.
- MARQUES, Fabrício. A Realidade que emerge da avalanche de dados – Humanidades digitais se disseminam por várias disciplinas, influenciam formação de pesquisadores e inspiram políticas públicas. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo: Fapesp, maio de 2017, v. 255 p. 19-25.
- MENINO 23 Infâncias Perdidas no Brasil. Direção de Belisário Franca. Brasil: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=...>
- SILVA, Angélica Aparecida Moreira da; BARBOSA, Paula Nishida. *Uma Tijoloteca como fonte de pesquisa: coleção arqueológica Casa do Grito*. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.32., p. 220-236, Jul-Dez. 2019.

com/watch?v=eaZwW1wUE9o. Acessado em 11/02/2018.

MUNSELL, R. *Soil Color Charts*. New Widson: Kollmorgen Instruments – Macbeth. Division, 1994.

SALLA, Natália Maria. *Produzir para construir: a indústria cerâmica paulistana no período da Primeira República (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2014.

ORSER JR, Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros. 1992.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Arqueologia em fábricas paulistas, entre chaminés e estacionamentos. Ou dos métodos para escavar uma fábrica. *Revista do CPC-USP*, São Paulo: maio/out 2013, n. 16.

THIESEN, Beatriz Valladão. Arqueologia Industrial ou Arqueologia da Industrialização? Mais que uma questão de abrangência. *Patrimônio: Revista eletrônica do IPHAN*, Brasília: jan / fev. de 2007, n. 6. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/arqueologia\\_industrial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/arqueologia_industrial.pdf). Acessado em: 06/12/ 2017.